

Moratória e Constituinte assustam os investidores

“O fluxo dos investimentos estrangeiros no Brasil só voltará a se normalizar quando forem resolvidos duas questões: a volta do País ao sistema financeiro internacional e a aprovação da nova Carta Constitucional. A opinião é de Jean Jacques Faust, diretor-t presidente no Brasil do grupo Saint Gobain, o maior grupo privado francês, que controla 170 empresas e um contingente de 140 mil funcionários em todo o mundo.

Faust anunciou que o Saint Gobain vai investir no Brasil, nos próximos três anos, cerca de 345 milhões de dólares porque considera o mercado brasileiro muito atrativo. Além disso, o empresário assinala que a Saint Gobain é uma das empresas europeias mais antigas, que já viveu períodos de guerras e situações difíceis e que não vê hoje situação grave a impedir novos investimentos no Brasil.

“Nós já passamos por guerras e nunca paramos. A situação do Brasil é difícil, mas também não é tão ruim assim. Aqui não há guerra, não há guerrilha e a paz está mantida. É claro que existem problemas com a economia, mas nós não vamos parar de investir. Ao contrário, vamos manter as nossas aplicações no parque industrial que temos montado aqui”, declarou Faust.

Sobre o processo de estatiza-



Faust

ção e a posterior privatização do Saint Gobain na França, Faust lembrou que “A privatização é uma boa forma do Governo arrumar recursos novos”. Ele explicou que o sucesso do programa de privatização da França se deve à escolha de empresas que não são estratégicas do ponto de vista de segurança, e que são atrativas ao setor privado.

“Ninguém vai querer comprar empresa que dá prejuízo. Na França, as empresas colocadas à venda apresentavam resultados positivos. O Brasil pode seguir o mesmo caminho com sucesso. Agora, é preciso ver que ninguém vai comprar aquilo que não serve. O merca-

do quer comprar boas empresas”, acentuou Faust.

No caso do Saint Gobain, Faust destaca que foram colocadas à venda 43,3 milhões de ações, cada uma a 310 francos, numa operação à qual nem os sindicatos marxistas se opuseram, uma vez que o grupo destinou cerca de 20 por cento destas ações para os trabalhadores das diversas empresas.

O lançamento das ações no mercado foi, segundo Faust, um sucesso, pois a procura foi 2,8 vezes superior à oferta de papéis. Nesse lançamento houve apenas uma restrição para a aquisição das ações, para evitar que elas se concentrassem nas mãos de poucos. Para isto fixou-se um limite de venda para cada pessoa e permitiu-se, também, que 20 por cento das ações fossem negociadas por estrangeiros.

Faust finalizou advertindo que a legislação brasileira atual não é muito acolhedora para os investimentos estrangeiros e disse que o impasse na negociação da dívida externa está levantando uma questão psicológica que favorece o surto do nacionalismo. “O Brasil precisa neste momento chamar todos os investimentos, sejam nacionais ou estrangeiros, pois o que o País precisa é continuar crescendo a taxas compatíveis com sua capacidade de desenvolvimento, isto é, nunca inferiores aos 5 por cento”, concluiu.